

**UMA PROPOSTA DE LEITURA HISTÓRICA DE FONTES TEXTUAIS EM
PESQUISAS QUALITATIVAS**

**PROPOSAL FOR HISTORICAL READING TEXTUAL SOURCES IN
QUALITATIVE RESEARCH**

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: A Linguística e a Literatura têm influenciado, desde a década de 50, a reflexão histórica. Os estudos produzidos nestes campos do conhecimento têm realçado que a linguagem não é neutra nem transparente e que a produção e a transmissão dos textos são fenômenos complexos. Portanto, não há uma correspondência direta entre texto, autoria e contexto, já que diversos elementos afetam a produção textual. Independentemente de seu posicionamento teórico sobre tais questões, o historiador que desenvolve pesquisas qualitativas apoiadas em documentos textuais precisa estar ciente de que as chamadas fontes primárias resultam de complexos processos de produção e transmissão que não devem ser ignorados. Este artigo, direcionado especialmente para os iniciantes na pesquisa historiográfica no campo da História Medieval, tem como objetivo principal a apresentação de sugestões de técnicas que poderão auxiliar na análise do *corpus* documental textual nas pesquisas históricas.

Palavras-chave: Pesquisa Qualitativa, Fontes Textuais, Produção e Transmissão de Textos, Técnicas de Leitura.

Abstract: Linguistics and Literature have influenced from the 50s, the historical reflection. Studies have emphasized that the language is not neutral nor transparent and that the production and transmission of texts are complex phenomena. Therefore, there is no direct correspondence between text, authorship and their context, because many elements affect the textual production. Independently of its theoretical position on these matters, the historian who develops qualitative research supported by textual documents need to be aware that the so-called primary sources result of complex production and transmission processes that should not be ignored. This article, directing especially for beginners in historiographic research in the field of Medieval History, aims to present suggestions that may assist in the analysis of the textual documents on research.

Keywords: Qualitative research, Textual Source, Production and Transmission of texts, Reading Techniques.

Recebido em: 29/06/2015
Aprovado em: 16/07/2015

Introdução

Em 2002, escrevi um artigo intitulado *Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero*.¹ Na ocasião, a minha principal meta era sistematizar algumas reflexões relacionadas à aplicação da categoria gênero na análise de textos medievais.² Desta forma, discuti os princípios teórico-metodológicos que norteavam a minha pesquisa no tocante à questão do discurso e apresentei um exemplo prático de como desenvolver o que chamei na ocasião de análise histórica do discurso.

O artigo não tinha a pretensão de “resolver questões teóricas ainda controversas ou propor uma teoria inovadora”.³ A intenção principal era partilhar, sobretudo com alunos de graduação e mestrado da área de História, em especial os interessados no estudo da História Medieval, algumas sugestões para organizar o levantamento de dados a partir da leitura das denominadas fontes históricas⁴ em pesquisas qualitativas. Para minha surpresa, o texto acabou tendo uma considerável circulação, não se limitando ao campo da História.⁵

Após mais de 10 anos, resolvi retomar e rever aquele material para a produção deste texto. Meu público alvo continua a ser, preferencialmente, os alunos, a fim de auxiliá-los na organização de suas pesquisas historiográficas iniciais. Mas também pretendo alcançar os orientadores, que muitas vezes carecem de materiais para uso com

¹ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero. *Cronos: Revista de História*, n. 6, 194-223, 2002.

² Estas reflexões surgiram no decorrer do desenvolvimento da pesquisa *Santidade e Gênero na Hagiografia Mediterrânea no século XIII: um estudo comparativo*, que recebeu de 2001 a 2006 apoio financeiro do CNPq por meio de uma bolsa PQ2.

³ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões metodológicas..., op. cit., p. 195.

⁴ Optei, devido aos objetivos deste texto, por usar a terminologia tradicional aplicada aos textos produzidos no passado que são analisados pelos historiadores: fontes e documentos.

⁵ Para citar alguns exemplos, destaco os artigos publicados em periódicos acadêmicos: DE MEDEIROS, Márcia Maria. Um estudo de caso sobre as representações da mulher na literatura medieval: o conto do Homem do Mar de Geoffrey Chaucer. *Outros Tempos-Pesquisa em Foco-História*, v. 10, n. 15, 2013. http://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uema/article/view/263/182. Acesso em 30 de maio de 2015; MOREIRA, Leonardo Maciel. Oxigênio: uma abordagem filosófica visando discussões acerca da educação em ciências-Parte I: poder e ambição. *Ciência & Educação*, v. 18, n. 4, p. 803-818, 2012; LIMA, Marcelo Pereira. O Matrimônio nas Partidas de Afonso X e Estudos de Gênero: novas perspectivas pós-estruturalistas. *Caderno Espaço Feminino*, v. 14, n. 17, p. 167-196, 2006; SILVA, Giselda Brito. História e linguística: algumas reflexões em torno das propostas que aproximam a História da Análise do Discurso. *Saeculum-Revista de História*, v. 11, 2004. Disponível em < <http://www.biblionline.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/download/11297/6411>> Acesso em 30 de maio de 2015; SOARES, Maria Valdiza Rogério. A construção da virgindade nos escritos de Clara de Assis e nas Legendas Menores: uma questão de gênero. *Revista Ártemis*, n. 5, 2006. <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2167>. Acesso em 30 de maio de 2015.

seus orientandos, graduandos e mestrandos, que tem como escopo sistematizar reflexões de caráter mais introdutório. Estas opções justificam o estilo didático deste texto.

Infelizmente, em nossos cursos de graduação em História raramente é dado espaço para a discussão sobre as técnicas de pesquisa, pois, em geral, valoriza-se muito mais a reflexão teórica do que o trabalho empírico, quando o ideal é a integração das duas formações. Assim, muitos estudantes só têm contato com fontes quando iniciam os seus trabalhos de final de curso. Alguns bolsistas de Iniciação Científica até frequentam arquivos durante a sua formação inicial, mas, muitas vezes, somente para identificar e copiar documentos que serão posteriormente analisados por seus orientadores.

Esta falta de contato com as fontes pode explicar porque, em muitos trabalhos historiográficos iniciais são encontrados diversos problemas. Ao invés do resultado de um efetivo trabalho de leitura crítica e análise das fontes, a partir de objetivos claramente definidos, são elaboradas paráfrases; análises preocupadas somente em realçar os aspectos formais dos textos; reflexões anacrônicas, generalizantes e repletas de juízos de valor; “achismos” pautados em alguns poucos trechos dos materiais analisados e até o uso dos documentos como uma espécie de “prova” para corroborar uma ideia já amplamente estabelecida pela historiografia ou pautada no senso comum. Desta forma, são raras as análises sistemáticas da documentação, que buscam compreender os textos a partir de questões previamente elaboradas, cientes da complexidade textual e propondo novas interpretações.

Baseando-me na experiência acumulada desde 2002, sobretudo no campo da pesquisa e da orientação de alunos de graduação e mestrado, apresento neste artigo sugestão de caráter metodológico, propondo diretrizes para uma leitura histórica dos textos. Optei por não realizar reflexões teóricas, como fiz no artigo de 2002, pois o intuito é apresentar técnicas aplicáveis a diversos quadros teórico-conceituais. E como minha área de atuação é a História do Ocidente Medieval, as sugestões e os exemplos serão inspirados na produção textual deste período.

Os historiadores e os desafios da complexidade da linguagem

A Linguística e a Literatura têm influenciado, desde a década de 50, a reflexão histórica.⁶ Os estudos têm realçado que a linguagem não é neutra nem transparente. Logo, não existem sentidos naturais, atemporais ou universais. Tais reflexões também destacam que a produção e transmissão dos textos são fenômenos complexos e que não há uma correspondência direta entre texto, autoria e contexto, já que diversos elementos afetam a produção textual. Os textos, portanto, são produtos de muitas vozes e influências; seguem regras próprias de estruturação; sofrem interferências ao serem transmitidos, e, se por um lado, produzem sentidos, por outro, ganham novos significados, ao serem retomados em distintos contextos históricos. Ou seja, não há interpretações únicas e ahistóricas para os textos. Tais estudos impactaram profundamente a disciplina História em ao menos dois pontos fundamentais: o acesso ao passado por meio das fontes e a escrita historiográfica, que organiza e divulga os conhecimentos produzidos pelos historiadores no decorrer de suas pesquisas.

Sem dúvidas os historiadores se dividem quanto ao impacto dessas reflexões para a pesquisa histórica. Contudo, independentemente de seu posicionamento teórico sobre tais questões, quem desenvolve pesquisas qualitativas apoiadas em documentos textuais precisa estar ciente que a construção textual resulta de complexos processos de produção e transmissão que não devem ser ignorados. Neste sentido, como destaca Ulpiano Meneses, dois posicionamentos opostos devem ser evitados: o objetivismo positivista, “que reconhece uma descontinuidade tranqüila [sic] e cômoda entre o observador e seu objeto” e o subjetivismo idealista, que “pretende que só existam representações”.⁷

⁶ Sobre o impacto dos estudos de Semântica, Semiótica e Teoria Literária na História ver, dentre outros trabalhos, ROBIN, R. *História e Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977; STAROBINSKI, J. A Literatura. In: LE GOFF, J., NORA, P. (Dir.) *História: Novas Abordagens*. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 132-143; CHEVALIER, J-C. A Língua: lingüística e história. In: LE GOFF, J., NORA, P. (Dir.) *História: Novos Objetos*. 3ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 84-98; CARDOSO, C. F. Semiótica, História e classes sociais. In: _____. *Ensaio racionalistas*. Rio de Janeiro: Campus, 1988. p. 61-92; FREADMAN, R., MILLER, S. *Repensando a teoria*. São Paulo: Unesp, 1994; BACCEGA, M. A. *Palavra e discurso. História e literatura*. São Paulo: Ática, 1995; MCNALLY, D. Língua, história e luta de classe. In: WOOD, E. M., FOSTER, J. B. *Em defesa da História. Marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 33-49; BREISACH, E. *Sobre el futuro de la Historia*. Valência: Universitat de Valência, 2009; CHARTIER, R. *A História ou a leitura do tempo*. 2ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010; CARDOSO, C. F. História e Textualidade. In: _____, VAINFAS, R. (org.) *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2012. p. 225-241.

⁷ MENESES, U. T. B. de. As marcas da leitura histórica. *Arte grega nos textos antigos. Manuscrita*, n. 7, p. 69-82, 1998. p. 75.

O estudo e a escrita sobre o passado tornaram-se tarefas muito mais trabalhosas, pois as contribuições da Linguística e da Literatura suscitam que alguns aspectos sejam problematizados na prática historiográfica, tais como: se os textos são construções complexas, como ultrapassar uma leitura que vê o texto como fruto da ação de um autor e/ou reflexo direto de um dado contexto? Como os textos foram produzidos e transmitidos? Como apreender os muitos sentidos gerados e atribuídos aos textos? É possível identificar desvios ou silêncios nos textos? Como compreender os diferentes sentidos dados aos termos presentes no texto? Como captar as diversas vozes? Como verificar se um texto dialoga com outro (s)?

Face a estas questões, muitos historiadores buscam incorporar a suas reflexões conceitos e técnicas provenientes da Análise do Discurso (AD). Assim, sobretudo em trabalhos de conclusão na área da História, é feita a indicação genérica de que foi aplicada a AD para a análise do *corpus* documental. Contudo, o campo da AD é amplo e dividido em diversas correntes teóricas. Além disso, as diversas correntes da AD abordam os textos com objetivos distintos daqueles da pesquisa histórica. Cabe ao historiador, portanto, selecionar dentre as contribuições da Linguística e da Literatura alguns princípios que sejam adequados à sua pesquisa.

A apresentação de diretrizes e sugestões de técnicas que poderão auxiliar na leitura das fontes nas pesquisas qualitativas, atentos à complexidade da linguagem e dos textos e à especificidade da leitura histórica, é o que apresento a seguir.

Sugestões metodológicas para a análise do *corpus* documental em pesquisas qualitativas

O trabalho de pesquisa em História pode ser dividido em três grandes etapas: a do planejamento, a da pesquisa propriamente dita e a da redação do texto final. Na prática, essas etapas não ocorrem de forma sequenciada nem são estanques. À medida que a pesquisa avança são necessários ajustes diversos e são produzidos textos com conclusões parciais para divulgação dos resultados da investigação.

A primeira, que culmina na elaboração de um projeto de pesquisa, é a do planejamento. A partir de leituras prévias, da bibliografia e das fontes, tendo como referência um tema mais geral, por exemplo, universidade medieval, é construído um objeto de estudo, ou seja, é feito um recorte temático, delimitado no tempo e espaço. A

partir de um mesmo tema, portanto, é possível constituir diversos objetos, inclusive articulando o estudo de dois ou mais fenômenos como, por exemplo, Ordens Mendicantes e Universidade de Paris na segunda metade do século XIII ou as *Siete Partidas* e as leis relacionadas à vida universitária.

Após essa definição é elaborada uma problemática central, da qual irão surgir perguntas que deverão ser respondidas a partir do estudo do objeto. A questão inicial é o eixo da pesquisa, pois ela determinará quais dados deverão ser buscados e de que forma, como abordarei posteriormente. O problema pode levar a uma aproximação “puramente empírica” das fontes que, como aponta Ulpiano de Meneses, “é a linha menos fecunda e a mais pobre”,⁸ redundando em trabalhos descritivos. Mas também pode caminhar para uma reflexão sobre como as pessoas de uma determinada época apreendiam e compreendiam aspectos da organização social; discutir como tais percepções se articulavam a outras dimensões do social, ou, ainda, propor explicações para diferentes fenômenos sociais e suas articulações.

Nesta etapa também é formulada uma hipótese, uma resposta provisória para a problemática elaborada. Ela será confrontada aos dados obtidos durante a investigação e poderá ser reafirmada ou descartada face às conclusões finais. Durante o planejamento também são definidos os objetivos que se deseja alcançar com o desenvolvimento da investigação; é constituído o *corpus* documental, e são selecionados a base teórico conceitual e os métodos e técnicas que serão aplicados à pesquisa, que devem estar adequados ao objeto e problemática estabelecidos.

O segundo momento é o da pesquisa propriamente dita, que implica na coleta, seleção e leitura crítica de materiais bibliográficos com os quais o pesquisador irá dialogar e o levantamento de dados a partir da análise do *corpus* documental. As diversas informações coletadas deverão então ser cruzadas e interpretadas, à luz do quadro teórico-conceitual eleito, discutindo a hipótese e dando uma resposta ao problema previamente formulado.

Por fim é produzido o texto historiográfico, que segue regras formais próprias, que pode ser um trabalho de conclusão, um livro, um capítulo, etc. Nele é apresentada uma síntese dos aspectos estruturantes da pesquisa, tais como objeto, problemática, base teórica, e das informações coletadas e são expostos os argumentos que sustentam as conclusões de pesquisa.

⁸ MENESES, U. T. B. de. As marcas da leitura histórica. Arte grega nos textos antigos. *Manuscrita*, n. 7, p. 69-82, 1998, p. 72.

Este artigo está focado especialmente no segundo momento da pesquisa histórica, mais propriamente na leitura do *corpus* documental formado por materiais textuais.⁹ Como já assinalado, não proponho um modelo fechado a ser seguido, mas algumas reflexões e diretrizes para auxiliarem, sobretudo aos iniciantes, na leitura histórica das fontes.

1. Reunindo o corpus documental e materiais de apoio

Antes de iniciar a leitura do corpus documental, é importante reunir todo o material a ser analisado e que foi previamente selecionado. Em se tratando de estudos medievais, em quase 100% dos trabalhos serão usados documentos impressos.¹⁰ É fundamental, portanto, consultar edições acadêmicas, preferencialmente precedidas de introduções críticas e que apresentem as variações textuais dos manuscritos.

Há que ressaltar que muitas obras ainda não foram alvo de uma edição crítica. Neste caso, o ideal é reunir o maior número de edições possível para confrontá-las. E se, eventualmente, o pesquisador não domina a língua na qual o texto foi composto, deve utilizar uma edição bilíngue.

Tenho observado que no Brasil, em geral, as edições contemporâneas dos documentos são tratadas como se fossem autógrafos, ou seja, que saíram diretamente das mãos de seus redatores para as dos pesquisadores. Desta forma, nos trabalhos não são apresentadas ou feitas reflexões críticas sobre os critérios usados na transmissão impressa dos textos: em quais manuscritos os editores se basearam? Qual foi a metodologia seguida na transcrição dos manuscritos? Se traduções, foram feitas a partir da língua original de redação ou de outra tradução?

Não defendo aqui que só são relevantes as pesquisas feitas com manuscritos. Ao contrário! Sempre que possível é melhor usar uma edição crítica, fruto do trabalho de um especialista, do que se aventurar, sem a formação necessária, a transcrever e/ou traduzir algum documento. Contudo, há que refletir sobre como esses materiais chegaram até nós e não naturalizar os processos de transmissão.

A atenção a tais questões não tem como alvo verificar se os documentos utilizados na pesquisa são verdadeiros ou falsos, como na antiga crítica positivista, mas

⁹ É possível que algumas das sugestões possam ser aplicadas a outros tipos de fontes, como iconografias, monumentos, objetos, inscrições, etc.

¹⁰ Estou me referindo aos textos manuscritos, sobretudo os antigos e medievais, que se tornam públicos através de edições impressas ou livros eletrônicos.

reunir informações para a reflexão dos diversos elementos que afetam a preservação e circulação desses materiais.¹¹

Para o estudo do *corpus* documental, há que agrupar materiais de apoio. Além de edições das fontes, já citadas, é importante contar com dicionários diversos, incluindo os históricos e temáticos; atlas históricos; cronologias e quaisquer outros materiais que possam auxiliar na leitura. Antes de iniciar o estudo das fontes o estudioso deve familiarizar-se com o gênero e a forma literárias nas quais os textos foram compostos.

Ainda que existam exceções,¹² que eventualmente sejam feitas adaptações nos esquemas literários ou que ocorra interferências entre os diversos tipos de textos,¹³ os materiais são compostos seguindo algumas características pré-estabelecidas. Por exemplo, as vidas de santos relatam de forma laudatória a trajetória de pessoas consideradas excepcionais desde seu nascimento até sua morte, incluindo os seus feitos milagrosos. Já os diplomas que registram vendas, trocas, doações, etc., possuem partes bem definidas, tais como a apresentação do outorgante e outorgado, o que está sendo objeto da negociação, as penas previstas para quem alterar algo do texto, a assinatura dos envolvidos na transação, das testemunhas e do notário. Se o texto for uma crônica, registra os acontecimentos dignos de serem mantidos na memória seguindo a cronologia.

A partir desse aspecto, é possível refletir sobre o quanto uma dada obra mantém-se dentro da tradição textual e o quanto inova; quais são suas possíveis influências; quais foram as motivações para incluir aspectos novos ou manter-se fiel aos seus modelos literários, etc.

¹¹ Sobre a questão da edição dos manuscritos ver, dentre outros RUIZ ASECIO, José Manuel. Contribución a los paleógrafos-diplomatistas españoles a los estudios medievales. In: CARRASCO PÉREZ, Juan (Coord.). *La historia medieval hoy: percepción académica y percepción social. Actas...* Navas de Tolosa: Gobierno de Navarra, 2009. p. 109-142; GAULIN, Jean-Louis. A ascese do texto ou o retorno das fontes. In: BOUTIER, J., JULIA, D. (Org.). *Passados recompostos; campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Editora FGV, 1998. p. 173-182; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro. «Dos benefícios de Deus»: três edições de um capítulo do tratado medieval português. *Calígrama: Revista de Estudos Românicos*, v. 15, n. 2, p. 49-66, 2011.

¹² Por exemplo, o *Tractatus Garsiae Toletani canonici de reliquiis pretiosorum martyrum Albini atque Rufini*, que utiliza a forma e os temas da hagiografia, mas é uma paródia das narrações de transladação de relíquias. Cf. RUANO, Eloy Benito; VIDAL, José Antonio Villar. La Garcineida. *Medievalismo*, n. 7, p. 365-413, 1997.

¹³ Por exemplo, a *Vita Tellonis* inclui diplomas em meio a narrativa da trajetória de D. Telo, considerado o fundador de Santa Cruz de Coimbra, e a Crônica Silense inclui relatos de transladação de relíquias. Cf. PEDRO ALFARDE. *Vita Tellonis/Vida de D. Telo*. In: NASCIMENTO, Aires A. (ed.). *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra: Vida de D. Telo, Vida de D. Teotônio e Vida de Martinho de Soure*. Lisboa: Colibri, 1998. p. 54-137 e SANTOS COCO, Francisco (ed.). *Historia Silense*. Madrid: Centro de Estudios Históricos, 1921.

Para conhecer as diferentes modalidades literárias podem ser consultados estudos sobre a literatura em uma região específica em certo período e também realizar a leitura de textos contemporâneos aos materiais em análise classificados dentro do mesmo gênero e/ou forma.

Outro esforço imprescindível é reunir e ler criticamente estudos sobre os documentos selecionados. Este exercício é importante por dois motivos principais. Em primeiro lugar, porque eles podem conter informações sobre o processo de composição; recepção, circulação e transmissão dos textos, tema que tratarei a seguir. Em segundo, pois podem auxiliar na interpretação dos dados. Desta forma é importante verificar e avaliar os argumentos que os autores que já analisaram as fontes propõem e posicionar-se criticamente perante eles.

2. O Levantamento dos dados extratextuais e textuais

Para a melhor compreensão histórica dos textos é necessário levantar informações que denomino aqui de extratextuais e textuais, uma releitura da tradicional crítica externa e interna dos documentos, e permitem reunir elementos que contribuirão para discutir sobre a complexidade dos textos. Como destaca Olivier Guyotjeannin, elas trazem “observações propícias a alimentar a reflexão sobre o estatuto da fonte no meio produtor e debaixo do olhar do historiador”.¹⁴ Ainda que alguns desses dados possam ser encontrados, em alguns casos, no próprio material em análise ou na introdução das edições críticas, em outros exigirá um árduo trabalho de reflexão a partir da coleta de informações que se encontram dispersas e ou são indiretas.

O levantamento desses dados e a reflexão sobre eles, a despeito do objeto, da problemática e do quadro teórico-conceitual específicos da pesquisa, configuram-se como uma das facetas da leitura histórica do corpus documental. Não se trata, portanto, de uma fase preparatória, mas associada ao levantamento de dados textuais, que será abordado no próximo item.

Já tratamos da importância de refletir sobre as edições das fontes utilizadas. Aqui destaco a relevância de conhecer também, quando for o caso,¹⁵ a transmissão manuscrita.

¹⁴ GUYOTJEANNIN, Olivier. A erudição transfigurada. In: BOUTIER, J., JULIA, D. (Org.). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998. p. 163- 172.

¹⁵ Alguns textos medievais não foram transmitidos por manuscritos, mas por edições impressas. Após a publicação, os manuscritos perderam-se. Este é o caso de algumas obras portuguesas, como *Vita Beatae Seniorinae Virginis* e *Alterna Sanctae Seniorinae Vita*, preservadas pela edição de Alexandre Herculano. Cf. HERCULANO, Alexandre. *Portugaliae Monumenta Historica. Scriptores*. Lisboa: Academia Scientiarum, 1860. V.1, fasc.1.

Quantos manuscritos existem sobre a fonte a ser estudada? Onde se encontram? Qual a sua datação? Os manuscritos apresentam variações entre si? Estas variações indicam que o texto foi alvo de edições e/ou revisões? Os manuscritos são autógrafos ou apógrafos?

Como “a forma contribui para o sentido”,¹⁶ se for possível, consulte edições em fac-símile, muitas atualmente disponíveis *on line*, ou leia descrições sobre os manuscritos e/ou edições. Este exercício é interessante para visualizar a organização espacial do texto, verificar se há marcações, anotações, ilustrações ou qualquer outro elemento que possa evidenciar as formas de transmissão, circulação e apreensão dessas enunciações.¹⁷

Nem todos os textos indicam o momento em que foram compostos. Assim, procure verificar o que dizem os estudiosos e encontre no texto elementos que possam ser interpretados como marcos temporais, tais como menções a eventos, pessoas, ideias, etc.

O mesmo ocorre em relação à autoria e promoção. Nem sempre é possível conhecer o nome do autor ou se a obra resultou da atuação de mais de um autor ou redator. Assim, observe se o texto apresenta estilos distintos de escrita. Sobre este aspecto também é útil cruzar os dados referentes aos manuscritos, pois podem indicar que o texto foi alvo de mudanças, em curtos ou longos períodos.

Além dos autores e/ou redatores, é necessário identificar o patrocinador da obra, que, em muitos casos, teve uma intervenção direta no material elaborado. Como a produção de manuscritos era altamente dispendiosa no medievo, em geral os documentos, sobretudo as obras de caráter narrativo, como crônicas, vidas de santos, relatos de viagem, sermões, etc., eram compostas com o financiamento de uma instituição, tais como uma monarquia, um mosteiro, um cabido episcopal, ou um grupo, como uma família nobre.

Outro aspecto digno de discussão é a circunstância imediata que motivou a redação de um dado documento. Ele foi composto para registrar as decisões de um concílio? Foi elaborado para divulgar a canonização de um santo? Foram anotações feitas de memória a partir de uma aula? Trata-se de uma carta enviada para notificar algum evento?

Além do acontecimento específico que motivou a redação de um dado material, há que pensar na conjuntura mais ampla em que foi produzido. Não se trata, aqui, de

¹⁶ CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e história*: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED, 2001. p. 148.

¹⁷ Para a contribuição dos aspectos formais no estudo dos textos ver SILVA, A. C. L. F. Reflexões acerca da formação intelectual e dos centros de ensino em Castela Medieval. In: MALEVAL, M. A.T. (Org.) *Atualizações da Idade Média*. Rio de Janeiro: UERJ-Ágora da Ilha, 2000. p. 109-124.

construir grandes contextos segmentados, seguindo os manuais de história tradicionais, que abordam, separadamente, aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais, mas de refletir sobre os diferentes fatores que podem estar ligados ou interferiram na produção dos documentos. A identificação de tais elementos é feita, mormente, por meio da leitura da bibliografia, em especial estudos historiográficos, ou de textos contemporâneos.

Sem dúvidas, quanto mais informações o pesquisador reunir sobre os elementos do entorno da produção textual que estuda, mais possibilidades de conexão ele poderá fazer e, por extensão, construirá uma argumentação mais substancial para fundamentar suas interpretações. Aliás, esse aspecto é o que mais caracteriza uma leitura histórica, na medida em que o objetivo final não é compreender o texto limitando-se ao seu conteúdo, mas articulando-o ao que está fora dele.

Muitas vezes não é possível conhecer o autor/redator/promotor do texto ou a data precisa de sua redação, mas perceber, por elementos presentes no próprio texto, o ambiente social no qual foi composto ou que foi tomado como referência para a produção do material, bem como o local geográfico.

Como já realçado, um texto não é resultado direto da ação de um autor. Vários aspectos contribuem para a formação de um texto, tais como as tradições literárias, as fontes que o inspiraram; as ideias com as quais o autor debate, as interferências dos copistas, etc. Logo, é possível falar nas várias vozes dos textos.

Identificar com quem o texto dialoga, ou seja, qual é o público idealizado pelo autor/redator/promotor, que não é necessariamente aquele que foi o receptor do texto, é um aspecto que auxilia na compreensão das muitas vozes presentes no texto. Muitas vezes esse público idealizado é evidenciado no próprio texto por meio do narrador.¹⁸

Ainda atentos ao diálogo entre os diversos elementos que participam da produção do texto, deve-se detectar, sempre que possível, se não são mencionados eventos e/ou pessoas específicas? Se ele propõe explicações para acontecimentos? Se é possível identificar se o texto debate com outras obras? Com quais ideias corrobora e quais recusa ou critica? Que novas leituras propõe para obras anteriores?

¹⁸ Aqui uma ressalva faz-se importante: o narrador não deve ser confundido com o autor, pois ele também é um personagem literário.

Muitas obras se fundamentam em textos anteriores. Assim, um exercício relevante é identificar quais textos são explicitamente citados pelo autor e quais figuram indiretamente e se o material se baseia em memórias orais. Logo, é válido identificar as fontes detectar e as diversas influências que, de alguma forma, atuaram na composição do texto em estudo. Desta forma, o pesquisador terá mais elementos para problematizar a relação linear entre autor-texto-contexto e perceber aspectos que poderiam passar despercebidos, como desvios, contradições, apropriação e/ou reafirmação de ideias, etc..

Buscando captar como as obras ganharam sentidos, há informações sobre como a obra circulou no momento em que foi produzida? Ela é citada por outros textos contemporâneas ou posteriores? Ela foi alvo de reescritas ou foi integrada a alguma compilação? Há notícias que permitam discutir como ela repercutiu, por exemplo, por meio de menções a ela em outros textos ou do número de cópias manuscritas que foram feitas do texto?

Voltando-se mais para a forma dos textos, é importante deter-se na sua estruturação. Como o material está organizado? Ele foi dividido em subpartes desde a sua composição ou ela resultou da ação de algum redator? Ele foi composto em prosa ou verso? Em caso de composição em verso, seguiu algum modelo para organização das estrofes?

Quero finalizar este item sublinhando que o levantamento de todos esses dados, apesar de muitos, não será suficiente para apreender toda a complexidade textual das fontes analisadas. Sobre muitos aspectos não serão encontradas informações e em relação a outros só será possível propor hipóteses, devido à ausência de notícias diretas. Contudo, o exercício de pensar sobre cada um desses aspectos já rompe com a visão de que as chamadas fontes primárias são pontes diretas para o passado, uma espécie de manancial que fornece todo o conhecimento sobre o que passou. Quando percebemos que os textos foram produzidos para responder a questões específicas, foram patrocinados, dialogam com outros materiais, foram transmitidos a despeito das diversas eventualidades, para só assinalar alguns aspectos, o olhar sobre o documento deixa de ser naturalizado e se torna mais atento e cuidadoso.

3. Algumas técnicas de levantamento de dados

O trabalho empírico do historiador, que é, como já assinalado, uma das etapas da pesquisa, consiste em realizar uma recolha de dados a partir da leitura das fontes. Contudo, “o texto, para o historiador, não é um repositório de informações pré-constituídas [sic] mas a leitura histórica – como proposição de questões – deve procurar

constituir, em última instância, a informação”.¹⁹ Ou seja, as fontes não falam por si. É necessário que o pesquisador formule as perguntas que devem direcionar a busca de dados que, desta forma, se configuram como informações.

Assim, é importante que o pesquisador defina claramente que tipo de dados deseja levantar, a partir da sua problemática central e dos objetivos da pesquisa, a fim de escolher uma técnica. É por meio desta técnica que será possível inventariar as informações que posteriormente participarão da discussão da problemática.

A seguir, apresento algumas técnicas que resultam de minhas leituras, de experiências em pesquisa, da orientação de diversos alunos e da leitura crítica de dezenas de trabalhos como membro de bancas de defesa e parecerista de revistas acadêmicas e de órgãos de fomento. Realço que são **minhas versões das técnicas**, tendo por motivação a sua aplicabilidade por pesquisadores iniciantes e a possibilidade de adaptação a diferentes tipos de pesquisa. Por serem instrumentos de investigação que visam somente o levantamento de dados, tais técnicas podem ser empregadas em estudos que se fundamentam em quadro teóricos distintos. Estas técnicas podem ser combinadas, dependendo dos objetivos da pesquisa e da natureza dos documentos a serem analisados.

Na descrição das técnicas optei por intitulá-las pelo ponto de partida do levantamento dos dados. Procurei apresentar, para cada uma delas, dois exemplos representativos a partir de minhas próprias experiências no uso de tais estratégias. Evidentemente, como minhas pesquisas têm privilegiado os textos hagiográficos, notariais e normativos como fontes, os exemplos não demonstrarão todas as potencialidades de aplicação das propostas.

Por fim, vale destacar que tais técnicas não são fórmulas milagrosas, ou seja, a sua aplicação exige um trabalho atento de levantamento de informações que, por si só, não permitirá que o pesquisador formule conclusões, já que os dados obtidos deverão ser interpretados à luz de outros elementos, como já sublinhado.

O que é proposto é uma forma de auxiliar o levantamento de dados, a fim de que o estudo da documentação não redunde em paráfrases, generalizações, juízos de valor, achismos e etc., ao permitir reunir de forma direcionada, sistemática e organizada as

¹⁹ MENESES, U. T. B. de. As marcas da leitura histórica. Arte grega nos textos antigos. *Manuscrita*, n. 7, p. 69-82, 1998. p. 75.

informações. A sugestão, portanto, é ir além do fichamento de ideias tradicional, no qual alguns elementos podem passar despercebidos.

3.1. Focar em um tema

A minha primeira sugestão de técnica para levantamento de dados é partindo de um tema. O que entendo por tema aqui não são recortes em nível linguístico, como palavra ou frase, nem psicológico, a fim de estudar motivações. Também não é identificado a um “núcleo de sentido” que examina, por meio da frequência da aparição de uma palavra ou ideia em um texto, os significados. Tema aqui tem o sentido que se aproxima de assunto/matéria e tem a função de ser o núcleo central do levantamento de dados, direcionando a leitura. Desta forma, a atenção vai voltar-se para certos aspectos em detrimento de outros.

É necessário definir previamente quais aspectos relacionados ao tema-núcleo serão observados. E, como já destacado, tais escolhas devem ser feitas em harmonia com o que foi definido como objeto e problemática da pesquisa e estar em consonância com os fundamentos teóricos e conceituais. Vejamos algumas possibilidades de uso desta técnica.

Um exemplo de aplicação dessa técnica encontra-se no artigo publicado em 2002, já mencionado.²⁰ Naquele texto, a fim de demonstrar a minha proposta, escolhi dois temas-núcleo, paternidade e maternidade. Tais reflexões se vinculavam a uma pesquisa maior, que tinha como objeto a construção da santidade, e como questão central discutir se os saberes sobre a diferença sexual socialmente instituídos, o gênero, presentes no seio da sociedade mediterrânea, no século XIII, influenciaram na construção de padrões de santidade. Para tanto, foram analisadas quatro obras, duas compostas por Gonzalo de Berceo, clérigo castelhano, *Vida de Santo Domingo de Silos* e *Vida de Santa Oria*, e três na Península Itálica por Tomás de Celano, frade franciscano, *Legenda de Santa Clara* e *Vida I* e *Vida II* de Francisco de Assis. Na aplicação da técnica, inventariei os adjetivos, as ações e os relacionamentos associados às mães e aos pais dos hagiografados. A partir das informações, debati se o gênero afetou a caracterização dos genitores dos santos e santas e se contribuíram para a construção de perfis de santidade.

Esta mesma técnica foi usada para o estudo da educação dos três primeiros franciscanos canonizados pelo papado, Francisco, em 1228, Antônio, em 1232, e Clara, em

²⁰ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero. *Cronos: Revista de História*, n. 6, 194-223, 2002.

1255, segundo as hagiografias. Esta reflexão foi realizada em conjunto com Victor Mariano Camacho e foi publicada em forma de artigo.²¹ A questão principal era debater como as categorias santidade e educação se articulam nas obras *Legenda de Santa Clara, Vida I e Vida II* de Francisco de Assis que, como assinalado, foram compostas por Tomás de Celano, e a *Legenda Assídua* (LA), de autoria anônima, dedicada a Antônio de Lisboa/Pádua. O tema-núcleo utilizado foi a educação e foram levantados dados referentes aos locais de estudo, aos professores, aos conhecimentos recebidos, ao acesso aos livros, às práticas de leitura e escrita, e ao valor dado ao conhecimento. A partir das informações coletadas foi possível discutir o papel atribuído ao estudo na construção de memórias de santidade.

Recapitulando, a partir do objeto e da problemática central de pesquisa, a proposta é definir um tema-núcleo. A partir dele é necessário listar os aspectos relacionados que ser alvo de atenção. No primeiro caso apresentado, a partir dos tema-núcleo paternidade e maternidade, foi considerada a qualificação dos genitores e o seu comportamento na relação com os filhos. No segundo, focado na educação, os aspectos relacionados tinham como meta montar um quadro mais amplo da formação dos santos: a escola, os mestres, os livros, etc.

Esta técnica pode ser aplicada a diferentes tipos de texto, mormente narrações, pois a análise busca captar diversas facetas do mesmo tema-núcleo, o que se torna mais viável em materiais narrativos frente a diplomas, por exemplo, com caráter de formulário. A vantagem de partir de um tema-núcleo, atentando para os aspectos a ele relacionados e não deixando de fora nenhuma menção presente nas fontes, é identificar diversas associações e oposições; atender para as múltiplas vozes presentes no texto e observar a que se faz predominante; reunir informações que permitem ultrapassar a mera descrição, e suscitar novos questionamentos.

3.2. Focar nas palavras

Nesta técnica, o ponto de partida não é mais um tema-núcleo, mas uma ou mais palavras. As palavras podem ser substantivos, adjetivos ou verbos e estarem dentro ou não do mesmo universo semântico. Como na proposta anterior, o termo ou termos devem ser selecionados em função do objeto e problemática da pesquisa.

O levantamento se dá a partir da palavra: identifica-se no texto a presença do vocábulo, verificando a quais elementos ele(s) se relaciona(m), se associa(m) ou se

²¹ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da; Camacho, Victor Mariano. Reflexões sobre a relação entre educação e santidade nas vitae dedicadas aos três primeiros santos franciscanos em perspectiva comparada. *Scintilla*, v. 11, p. 81-106, 2014.

opõe(m). Esta técnica também se aplica a estudos de caráter semântico, ou seja, aqueles que têm como escopo analisar os sentidos conferidos às mesmas palavras empregadas em um determinado texto ou em vários.

Como exemplo de aplicação desta técnica apresento a forma como levantei os dados para a reflexão que redundou na elaboração do artigo *O corpo e a carne: uma leitura das obras Vida de Santo Domingo de Silos e Vida de Santa Oria a partir da categoria gênero*.²² O objeto da pesquisa era o uso dos termos *corpo* e *carne* em duas obras hagiográficas escritas por Gonzalo de Berceo, *Vida de Santo Domingo de Silos* e *Vida de Santa Oria*, já mencionadas. A problemática central era discutir se os sentidos dados a tais vocábulos nos dois textos estavam articulados a saberes sobre a diferença sexual.

Para o levantamento dos dados, parti das palavras *cuero* e *carne* em suas diversas formas (carnal, corporal, etc.), em termos correlatos (partes do corpo, por exemplo) e em sinônimos, verificando em quais pontos e de que forma estes termos figuram nos textos, atenta a quais elementos se relacionam, associam-se ou se opõem.

Ainda no levantamento de dados buscou-se verificar se em todas as passagens os termos *cuero* e *carne* ganham o mesmo sentido e a quais outras palavras se associam ou se opõem em cada uma das obras. Por fim, tais dados foram interpretados à luz da categoria gênero e dos dados extratextuais e textuais.

Em outra reflexão, parti das palavras *diablo* (castelhano) e *diabolus/ diabolium/ diaboli* (latim) para a leitura das já citadas *Vida de Santo Domingo de Silos* e *Vida de Santa Oria*, de autoria de Gonzalo de Berceo, e *Legenda de Santa Clara* e *Vida I e Vida II* de Francisco de Assis, de Tomás de Celano.²³ Em primeiro lugar, verifiquei o sentido atribuído aos termos e constatei que nas *Vitae* analisadas a palavra foi usada com o significado de espírito maligno e inimigo. Em segundo, debati se o gênero interferiu na associação entre os santos e santas com esta figura na construção de memórias de santidade. Com as informações levantadas foi possível refletir sobre as representações do diabo e as conexões estabelecidas com os santos.

²² SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. O corpo e a carne: uma leitura das obras Vida de Santo Domingo de Silos e Vida de Santa Oria a partir da Categoria Gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 14, p. 387-408, 2006.

²³ Essas reflexões foram reunidas na *comunicação A construção genderificada da santidade na hagiografia mediterrânea do século XIII*, apresentada na Semana de Integração Acadêmica do CFCH – UFRJ realizada de 14 a 18 de maio de 2006, publicada nas atas do evento.

A técnica da leitura a partir de palavras é aplicável a qualquer tipo de texto e permite abordagens quantitativas e qualitativas. Ela é mais adequada para o estudo de valores, ideias, crenças, instituições, ou seja, para noções e conceitos abstratos. É, sobretudo por este aspecto, que, na minha opinião, ela difere da técnica apresentada no item anterior.

3.3. Focar na argumentação

Como nos casos anteriores, tomando por base o objeto e a problemática, esta técnica consiste em inventariar a argumentação presente no texto. Por isto, ela é mais adequada para textos de caráter dissertativo, como tratados; sermões; textos legislativos; bulas; atas conciliares, etc. No levantamento dos dados identificam-se os raciocínios e demonstrações; as dissociações; as autoridades mencionadas; as evidências que sustentam os argumentos; o encadeamento de ideias; os *topoi*; as figuras de linguagem, como metáforas e comparações, e os elementos que destoam, contrastam ou se desviam do eixo central da exposição.

Esta técnica foi empregada no estudo das referências ao monacato presentes em uma das versões transmitidas das atas de Coyanza, um concílio realizado na Península Ibérica em meados do século XI, denominada como B.²⁴ A questão central discutida era a interferência do gênero na formulação das normativas sobre a vida religiosa. As conclusões desta reflexão foram publicadas no artigo *Reflexões sobre monacato, gênero e poder: uma leitura dos cânones do Concílio de Coyanza*.²⁵

Para a análise deste decreto foram levantados os comportamentos qualificados como errôneos e as punições previstas para aqueles que os praticassem; as características da vida monástica realçadas e reafirmadas; os imperativos e o uso de termos no feminino e no masculino na redação. Essas informações, cruzadas com outras, foram analisadas para a discussão das concepções sobre a vida monástica e as relações de poder em meados do século XI no Reino Castelhanoleonês.

²⁴ Garcia Gallo, que publicou e estudou as duas versões das atas de Coyanza, domina como B a versão transmitida pelos manuscritos O, T, C, P e LP, que só possuem pequenas variantes. Só esta versão foi analisada porque embora figurem na redação A três decretos que fazem referências a *Abbates* e *Monachum*, elas só usam o termo no masculino. Em B tais termos só se encontram em um decreto, mas no feminino e no masculino. Garcia Gallo afirma que esta diferença se explica pelo fato de A referir-se a comunidades canônicas e B ao monacato propriamente dito. GARCIA GALLO, A. El concílio de Coyanza. *Anuario de Historia del Derecho Español*, n. 20, p. 275-633, 1950.

²⁵ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Normatização e relações de poder nas atas do Concílio de Coyanza. *Anos 90*, v. 20, n. 38, p. 103-126, 2013.

Nas reflexões que redundaram na redação do artigo *Livro sobre a Conservação da Saúde: uma contribuição portuguesa à medicina medieval*,²⁶ o objeto da pesquisa e o *corpus* documental se confundiram. A questão central levantada foi a contribuição ibérica para o desenvolvimento das *Artis Medicine* face às concepções de saúde e as práticas médicas presentes na Europa Ocidental no século XIII, segundo a historiografia, a partir do estudo de um caso.

Para discutir essa problemática, no levantamento dos dados parti da leitura do *Livro sobre a Conservação da Saúde*, atribuído ao clérigo Pedro Hispano, identificado por alguns pesquisadores como o papa João XXI, ateve-se às descrições de doenças e práticas terapêuticas; às autoridades mencionadas para fundamentar suas ideias;²⁷ às associações e oposições propostas; às figuras de linguagem empregadas; aos conselhos relacionados à manutenção da saúde; ao encadeamento de ideias; aos elementos destoantes.

Na aplicação dessa técnica percebe-se uma confluência com o estudo dos aspectos textuais da obra, apresentado no item anterior. Contudo, o objetivo aqui é tentar identificar os elementos que compõe a argumentação da obra e que objetivam convencer o leitor, a despeito dos eventuais desvios. No estudo textual, como já ressaltado, a meta é detectar as múltiplas vozes presentes no texto.

Partir da argumentação textual para reunir informações é, sem dúvidas, um desafio, pois implica em identificar os muitos elementos que participam da construção de um dado sentido e que têm como alvo a persuasão de seus receptores. Este exercício exige, mais do que nos casos anteriormente apresentados, conhecimentos prévios, em especial relacionados às teorias de argumentação e figuras retóricas, para que o estudioso seja capaz de distinguir os diversos elementos que contribuem para a construção da argumentação.

3.4. Focar nos elementos narrativos

Se a técnica anterior é a ideal para ser aplicada a textos de caráter dissertativo, ou seja, que apresentam e defendem argumentos buscando persuadir, a que passamos a apresentar é adequada para textos narrativos, como romances, novelas, contos e crônicas,

²⁶SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Livro sobre a conservação da saúde: uma contribuição portuguesa à medicina medieval. *Boletim do Centro de Estudos Portugueses "Jorge de Sena"*, ano 8, n. 15, jan/jul, p.45-60, 1999.

²⁷ Aqui há uma confluência com o estudo textual da obra, apresentado no item anterior. Contudo, o objetivo da identificação das autoridades na aplicação dessa técnica não é conhecer as muitas vozes do texto, mas sim quais são as autoridades explicitamente citadas para dar sustentação aos argumentos.

que relatam aventuras épicas ou dramas, em prosa ou verso. Ou seja, aqueles materiais nos quais são descritos eventos diversos com a participação de personagens.

O ponto de partida dessa técnica é a identificação dos diversos elementos que configuram uma narrativa: personagens; intervalos de tempo e espaços nos quais as ações se desenrolam; o enredo; a trama, e o narrador. Neste sentido, o pesquisador, no levantamento dos dados, deve identificar os variados aspectos que compõe o material em análise.

Começo pelos personagens: há que observar como são qualificados, como agem e interagem entre si. É importante atentar para o narrador, que não deve ser confundido com o autor e, portanto, também é um personagem, e a sua forma de inserção na narração, pois ele pode ser impessoal, intervir no texto, fazendo comentários ou participando da trama, relacionando-se diretamente com os outros personagens. Há que identificar as indicações temporais e espaciais, que podem ser múltiplas. Em alguns casos a narrativa apresenta ações que ocorrem simultaneamente, mas em diferentes locais. Os espaços podem ser variados, geográficos e/ou sobrenaturais, sem contar com a localização específica dos personagens no decorrer da ação. O estudioso também deve focalizar-se no uso da linguagem: se há diálogos, preleções ou descrições de sentimentos dos personagens; se são incluídos estilos de fala variados e se ideias distintas, até antagônicas, são expressas. Também deve verificar as diversas situações que se sucedem no desenrolar da trama, bem como as referências intertextuais, ou seja, provenientes de outros textos.

Para exemplificar o uso dessa técnica, apresento dois exemplos. O primeiro partiu da análise narrativa dos capítulos que descrevem a criação do homem e mulher e a desobediência de Adão e Eva, que os levou à expulsão do paraíso, presentes na *Bíblia Medieval Portuguesa*,²⁸ texto datado do final do século XIII ou início do século XIV.²⁹ Desta forma foram levantados dados referentes aos personagens - Deus, Adão, Eva, a

²⁸A *Bíblia Medieval Portuguesa* encontrava-se no códice 349 da biblioteca do Mosteiro de Alcobaça, denominado como *Historias d'abreviado testamento velho, segundo o meestre das Historias Scolasticas, e segundo outros, que as abreviarom, e com dezeres d'alguns doctores e sabedores* NASCIMENTO, Aires. *Bíblia*: traduções para o português. In: LANCIANI, Giulia e TAVANI, Giuseppe (org). *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa, Caminho, 2000. p. 88–92, p. 90. Esse manuscrito está atualmente perdido e foi preservado pela edição elaborada pelo Frei Fortunato de São Boaventura em 1829. O texto crítico foi estabelecido por Serafim da Silva Neto no final da década de cinquenta. Cf. MEGALE, H. (Ed.) *O Pentateuco da Bíblia Medieval Portuguesa*. São Paulo, EDUC-IMAGO, 1992.

²⁹ Para Frei Fortunato, a obra é de 1320, mas suspeita que se originou de um modelo do século anterior. Segundo Antunes, no inventário dos Códices Alcobacenses do século XIII, o códice 349 já figura ANTUNES, José. *Bíblia*. In: LANCIANI, Giulia e TAVANI, Giuseppe (org). *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa, Caminho, 2000. p. 85–88, p. 85. Assim, é possível supor que a composição dessa versão medieval portuguesa do Antigo Testamento date do final do século XIII.

Serpente e o narrador-; aos espaços e momentos nos quais se desenrola a trama; aos diálogos; aos eventos narrados; aos elementos inovadores frente à tradição literária do que é relatado. Essas informações permitiram traçar considerações sobre os objetos previamente selecionados: a construção dos corpos e a instituição do casamento.

As reflexões elaboradas a partir dos dados coletados na leitura da narrativa bíblica em sua versão medieval trecentista foram publicadas em um texto escrito em parceria com a Marta Mega Andrade,³⁰ que tinha como problemática as diferenças e semelhanças na configuração dos corpos e na significação do casamento nos mitos relacionados à Pandora e Eva, em um exercício de comparação diacrônica. Desta forma, os dados provenientes da Bíblia foram confrontados aos presentes nos relatos sobre Pandora nas obras *Teogonia* e *Os Trabalhos e os dias*.

No segundo, a narrativa decomposta foi a versão elaborada pelo franciscano Juan Gil de Zamora, no século XIII, de um milagre tradicional no qual é narrada a aventura de Teófilo, vigário da diocese da Sicília, que fez um pacto com o Diabo. Segundo Alfonso D'Agostino, a primeira redação escrita deste milagre é atribuída a Eutyhianos. Foi elaborada em grego, com grande probabilidade no início do século VII.³¹ Após esta, várias outras foram compostas, inclusive a do frade zamorano selecionada para a análise, que compõe o *Liber Mariae*, segunda parte do livro conhecido como *Liber Ihesu et Mariae*, datado entre 1278 e 1284. Ele foi escrito em prosa e em latim, provavelmente no Convento Franciscano de Zamora. Esta obra dividida em 18 tratados; no décimo sexto figuram 88 relatos de milagres marianos, incluindo o de Teófilo.

A análise dessa narrativa foi feita em parceria com Thalles Braga Rezende Lins da Silva e gerou a redação do artigo *Uma leitura histórica da versão narrativa do milagre de Teófilo por Juan Gil de Zamora*.³² O objeto selecionado para estudo foi a representação do Diabo e também do Judeu no Reino Castelhana-leonês no século XIII e as questões levantadas foram a articulação entre as relações de poder no seio da hierarquia eclesiástica e a presença dos judeus em meio à sociedade cristã.

³⁰SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da, ANDRADE, Marta Mega. Mito e gênero: Pandora e Eva em perspectiva histórica comparada. *Cadernos Pagu*, n. 33, p. 313-342, 2009.

³¹ D'AGOSTINO, Alfonso. Il patto col diavolo nelle letterature medieval. Elementi per un'analisi narrativa. *Studi medievali*, Espoleto, v. 45 (3ª série), n. 2, p. 699-752, 2004. p. 707.

³² SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da, SILVA, Thalles Braga Rezende Lins da. Uma leitura histórica da versão narrativa do milagre de Teófilo por Juan Gil de Zamora. *Revista Crítica Histórica*, v. 4, n. 7, p. 114-136, 2013.

Como no caso anterior, na leitura foram levantados diferentes dados relacionados à construção da narrativa. Primeiro, os personagens principais, Teófilo, dois Bispos da diocese Sicília, o Judeu, o Diabo, Maria, e os que permeiam a narrativa, mesmo sem grande destaque, como Jesus, os adoradores do Diabo e os fiéis. Em segundo, os marcos espaciais: diferentes localidades da cidade sede do episcopado da Sicília. A narrativa não apresenta datação, só referências genéricas da passagem do tempo. Em terceiro, os diálogos e discursos e, por fim, a trama propriamente dita.

Os textos narrativos, por suas características literárias, são aqueles que podem levar o historiador iniciante a ater-se somente aos aspectos formais, à descrição, afastando-o da análise propriamente dita. Apesar de não terem caráter dissertativo, tais textos também buscam persuadir o leitor, pois são parciais; incorporam várias vozes e dão sentido a diversos aspectos da organização social. Como geralmente são longos, com muitos detalhes e referências, no levantamento dos dados alguns podem ser ignorados ou só recolhidos os elementos mais explícitos.

4. A organização e registros dos dados

Mas como organizar os dados levantados na leitura a fim de sistematizá-los para serem alvo de análise posterior, junto a outras informações? Desta forma é importante criar formas de registro. Eu tenho usado o sistema de fichas temáticas e de tabelas. A principal vantagem desses instrumentos é que auxiliam na sistematização dos dados e facilitam a sua visualização, tanto em sua singularidade quanto na perspectiva de conjunto.

O inventário e a anotação dos dados feitos a partir da leitura de cada um dos documentos que compõem o *corpus* documental assegura ao estudioso uma visão do todo e permite que ele possa, à luz de outros dados e dos fundamentos teóricos da pesquisa produzir novas interpretações. Este procedimento, portanto, evita a prática de ir aos documentos somente para selecionar trechos que corroborem com ideias já estabelecidas ou para a defesa de impressões pautadas no senso comum. Os aportes trazidos à História pela Linguística e a Literatura sobre a complexidade da linguagem e do texto obrigam a uma revisão da perspectiva da prova documental, tão cara ao positivismo, e estimulam a produção de novos conhecimentos historiográficos.

Outra vantagem da organização e escrita dos dados está em evidenciar a distinção entre a informação que a fonte aporta e as impressões, inferências e interpretações do pesquisador. Desta forma, o risco de atribuir aos documentos informação que, de fato,

derivam das elucubrações de quem faz a análise, torna-se menor. Estas técnicas também permitem evidenciar as múltiplas vozes presentes nos documentos e evita que só uma ganhe realce, motivando o pesquisador a perceber distintas possibilidades de compreensão do fenômeno para além da perspectiva da voz hegemônica.

Caberá ao estudioso construir instrumentos de registro em função de seu objeto de pesquisa, problemática e objetivos. Ênfase, entretanto, que alguns itens são essenciais e não devem ser esquecidos, como a identificação do documento lido, a indicação do objeto da pesquisa, e o registro da localização no texto, por meio de uso das referências universalmente aceitas ou anotando a página da edição impressa, do dado a salientar.

Se organizados de forma legível, em suporte durável e de fácil manuseio e armazenamento, este material poderá ser consultado diversas vezes. E, no futuro, será um importante testemunho da pesquisa realizada, que auxiliará o estudioso a recuperar os caminhos anteriormente trilhados.

Considerações finais

Objetivando alcançar aos alunos de graduação e mestrados em fase inicial de pesquisa e, por extensão, aos orientadores, propus algumas técnicas, que deverão ser empregadas como um instrumento de levantamento de dados. Longe de configurar-se em uma proposta inovadora, o que apresentei aqui é uma síntese, constituída a partir da leitura de autores teóricos, de textos historiográficos, da conversa com alunos e colegas e, sobretudo, do ensaio e erro em nossas atividades de pesquisa e orientação.

Como já sublinhamos, a leitura das fontes visando a recolha de dados é só uma das etapas da pesquisa em História. As informações coletadas só se transformarão em um conhecimento organizado após serem interpretados em diálogo com os elementos extratextuais e textuais formais; o diálogo com a bibliografia e com fundamentação em um quadro teórico-conceitual. Somente após o cruzamento destes elementos e de um exercício de análise interpretativa, o pesquisador chegará às suas conclusões, que deverão ser confrontadas às questões de pesquisa. Uma síntese de todo esse percurso intelectual deverá ser expressa em texto historiográfico organizado, que pode ser uma monografia, dissertação, tese, livro, artigo, etc., e produzir a síntese textual final.

As sugestões aqui apresentadas não são regras que devem ser aplicadas como um roteiro a ser seguido à risca. Elas têm como meta, por um lado, suscitar a reflexão sobre como,

sobretudo no campo da História Medieval, realizamos o trabalho empírico com as fontes, e, por outro, funcionar como diretrizes que deverão ser adaptadas aos objetos e problemáticas em estudo, ao conjunto de conhecimentos já acumulados, e ao cotidiano de cada um.

Finalizando, quero destacar que a minha preocupação com os aspectos técnicos da pesquisa histórica para a leitura das fontes não se fundamenta no princípio de que só eles garantem a objetividade do historiador. A minha motivação ao apresentar as sugestões, sobretudo para o estudioso iniciante, foi guiada por duas preocupações principais: o pesquisador deve estar ciente que as conclusões de sua pesquisa se vinculam diretamente às escolhas realizadas e que evidencie percurso seguido na produção do conhecimento historiográfico.

